

Transgressão

2ª feira: 22/Dezembro/2003

Bom dia ouvinte. Vamos falar sobre você e o mundo à sua volta no quadro Escutar e pensar, produzido pela Sociedade Brasileira de Psicanálise e pela Rádio MEC.

E hoje vamos conversar sobre transgressão. Tratar desse tema - a transgressão - exige muito cuidado. Quando afirmamos que alguém transgrediu, estamos dizendo que alguma coisa foi violada: uma regra, uma lei, um pacto, um contrato ou mesmo um acordo não falado, nem escrito entre duas ou mais pessoas. Quer dizer, alguma combinação foi desrespeitada. Pode ser uma leve ultrapassagem de algum limite estabelecido, sem maior gravidade, ou um ato violento com conseqüências danosas.

Se pensarmos na sociedade, por exemplo, há uma série de contratos sociais que exigem responsabilidade dos governantes, daqueles que detém algum tipo de poder. Aí, qualquer ato ilícito tem conseqüência sobre inúmeras pessoas. É o caso das atuais denúncias envolvendo juizes, que nos deixam inseguros, já que justamente quem deveria cuidar do cumprimento das leis é o primeiro a usar seu poder pra transgredir. Será que os roubos feitos por poderosos acabam justificando roubos feitos pelos menos favorecidos? Se os que têm muito roubam, por que quem não tem nada não pode se aproveitar? Na verdade, o que estão em jogo são valores e princípios que organizam a vida civilizada.

O processo do animalzinho humano até chegar a ser um homem civilizado é longo e trabalhoso. Esse processo inclui cuidados, nutrição, ensinamentos, e uma coisa muito importante que a gente quase não nota: a transmissão de códigos que caracterizam o indivíduo, e que são como marcas que ficam registradas dentro da mente. Essas marcas são heranças, que passam de geração em geração, há muitos milhares de anos, e que estabelecem certos limites pra vida em grupo. No plano da sexualidade, por exemplo, os tabus do incesto, e das gerações: não pode haver relações sexuais entre pai e filhos ou entre mãe e filhos. Tios e avós devem respeitar os membros mais novos da família e não interagir sexualmente, o que seria um abuso. Enfim, algumas barreiras que vão se formando no nosso mundo psíquico, como nojo, horror e vergonha de certas práticas, nós vamos adquirindo desde a primeiríssima infância, na relação com aqueles que cuidam da gente, aqueles que exercem a função de pais.

Esses códigos são como que depositados na cultura e transmitidos de geração em geração, através da linguagem verbal e também da não verbal, isto é, através do que se diz, das histórias que se conta, e também do que se passa através de atos, gestos, sinais...E isso tudo que é passado pra nós por uma figura de autoridade é que vai nos servir de referência. E nos dar

condições de viver em sociedade.

Então, existe uma lei que é transmitida de forma invisível, é uma lei simbólica. E que está inscrita internamente como uma tatuagem psíquica que sustenta a nossa existência. É um pacto que nos faz respeitar o próximo, e reconhecer as diferenças sexuais, sociais, geracionais, culturais. É mais ou menos como um contrato social e pessoal que a gente assina pra poder ser humano, civilizado.

Mas nem todo mundo têm esse contrato pessoal e social firmado dentro de si mesmo. Aí, o pacto fracassa. O indivíduo fica sem qualquer compromisso com o próximo e sem as barreiras que interdita o livre curso dos impulsos sexuais e agressivos. É quando o ser humano mata, abusa, destrói.

O primeira pessoa com quem nos relacionamos no início da vida, a mãe, ou quem exerce essa função, é quem transmite as primeiras leis organizadoras da vida em sociedade, à medida que vamos sendo apresentados à linguagem. Logo, outras pessoas importantes nos deixam suas marcas pela vida afora, ou seja durante toda vida novos registros são internalizados.

Então, a mensagem é a seguinte: aquilo que os adultos dizem, vivem e fazem têm incidência sobre crianças e adolescentes. Se existem abusos, violência e ausência de uma autoridade protetora, a resposta é quase sempre desestruturação, desamparo, loucura e mesmo a morte.

Pense nisso, ouvinte e até amanhã com o quadro Escutar e pensar. Se você tiver alguma dúvida ou sugestão, telefone pra 2252-8413, Central de atendimento da Rádio MEC.

3ª feira: 23/ Dezembro/ 2003

Bom dia ouvinte. Vamos falar sobre você e o mundo à sua volta no quadro Escutar e pensar, produzido pela Sociedade Brasileira de Psicanálise e pela Rádio MEC.

Outro dia ouvi uma história de menina de 4 anos que olhava enciumada e invejosa a irmã de 15 que estava usando as roupas da mãe. Percebendo a aflição da menina, a mãe disse que quando ela crescesse, ela também ia poder usar o que era da mãe. A menina então pergunta: Você deixa eu pegar o que eu quiser?...até o papai?

Essa historinha mostra um desejo que é universal. Todo mundo sente igual, desde sempre. Todo menino namora a mãe e toda menina namora o pai, no jeito infantil de namorar. Pai e mãe são os primeiros focos de amor dos filhos. É muito forte o interesse da criança pela pessoa mais próxima, aquela pessoa que está presente e se interessa por ela. E isso não só é natural, como necessário pro desenvolvimento da sexualidade de todos os indivíduos. Agora, ninguém precisa dizer com todas as letras que

não se pode ter relação sexual com a mãe, com o pai, com os irmãos, com os avós e tios...São códigos que vão sendo passados através das relações, à medida que a criança vai ampliando seu mundo. À medida que seu mundo deixa de ser apenas ela, criança, e a mãe, e passa a incluir um terceiro, depois um quarto, um quinto, e por aí vai.

Quer dizer, a terceira pessoa, em geral o pai, que aparece no mundo do bebê, separa um pouco o bebê da mãe. Portanto, é como se dissesse: não dá pra ter a mamãe só pra você o tempo todo. É como uma ducha de água fria, um corte no barato do bebê. Mas fundamental, porque é o primórdio da regra, da lei. Um obstáculo à satisfação de desejos, principalmente do desejo de ser dono da mamãe.

Assim, de forma invisível, vai se passando o tabu do incesto. São proibidos a mãe, o pai e os irmãos...e cada um vai ter que buscar fora da família os seus parceiros.

Mas é importante pensar que essa proibição não é por questão moral, ou porque é feio, etc. O proibido tem que ter um por quê. E, na verdade, o tabu do incesto é baseado no amor. Mesmo que pareça uma proibição antipática, difícil de engulir.

Veja só: aquele bebê que vai aprendendo a se separar da mãe, vai aprendendo também a ceder a mãe pro pai, e também o contrário, ceder o pai pra mãe. Vai aprendendo também que cada pessoa tem um papel importante na sua vida e que pra se exercer bem um papel não se pode exercer outro que atrapalhe. Se a mãe for namorada do filho, não vai ser uma mãe plena. Um irmão pra ser irmão tem que ter uma relação fraterna, se for namorado a relação já é outra, e não dá pra ser irmão. Em resumo: mãe é mãe, pai é pai, irmão é irmão, filho é filho, cada um na sua.

O que a gente faz sem nem perceber é abrir mão de namorar a pessoa que a gente precisa e quer que seja mãe da gente, pai ou irmão da gente. É pra preservar essas funções tão importantes pra todos nós que vamos buscar namorar outras pessoas, fora da família.

Em qualquer cultura há proibições. E sempre que essas proibições são violadas vem uma reprovação ou uma punição. Mas, se essas leis estiverem bem assimiladas dentro da gente, não vão soar como proibições pesadas. Serão leis seguidas naturalmente, sem maiores dores.

Pense nisso, ouvinte e até amanhã com o quadro Escutar e pensar. Se você tiver alguma dúvida ou sugestão, telefone pra 2252-8413, Central de atendimento da Rádio MEC.

4ª feira: 24/ Dezembro/ 2003

Bom dia ouvinte. Vamos falar sobre você e o mundo à sua volta

no quadro Escutar e pensar, produzido pela Sociedade Brasileira de Psicanálise e pela Rádio MEC.

A transgressão às regras sempre perturbam muito, principalmente aos educadores e pais que lidam com adolescentes. Eles estão sempre querendo mudar as regras, desobedecem às leis da família e da escola, quebram os pactos, contam mentiras...E como lidar com isso? Fica especialmente difícil se a gente lembrar que a adolescência é a época pra se fazer isso, pra transgredir. Quer dizer, a transgressão não só é normal, como é necessária pra que o adolescente se transforme em adulto livre e responsável. A questão é saber qual é o limite entre a transgressão que pode ser admitida e aquela que não é aceitável.

Muitas vezes, os adultos não sabem o que fazer e ficam com medo de conseqüências perigosas pra vida do adolescente, então resolvem impor regras automaticamente, aplicam as leis de forma rígida e irrestrita, e pensam que isso sim é dar limites. Temos que lembrar que a imposição pura e simples de regras, com a exigência de que o jovem se submeta sem questionar, é autoritarismo. É como se, a princípio, o jovem fosse um delinqüente e pronto.

Quem quer educar um adolescente pra vida deve ter em mente que o principal objetivo da educação é ajudar a refletir, a pensar sobre seus atos, medir as conseqüências, aprender a decidir pelo melhor. Ora, alguém que é apenas submisso às regras não adquire esta capacidade de pensar e cuidar de si mesmo.

A adolescência é um momento crucial na vida da pessoa, quando se começa a engatinhar em direção à independência. A rebeldia surge como resistência às normas impostas, porque o adolescente não quer simplesmente penetrar na vida do adulto: ele quer se preparar pra ser um adulto diferenciado. Ao mesmo tempo, luta com a urgência da descoberta de si mesmo.

Na verdade, o que é realmente alarmante é a ausência de atrito. Pode estar acontecendo uma submissão doentia, uma necessidade de agradar de qualquer jeito aos adultos, o que é confundido com obediência e disciplina. E os adultos ficam contentes.

É fundamental que se olhe pra cada pessoa separadamente, cada aluno, cada filho, que se é que aqueles que educam estejam preparados pra diferenciar comportamentos patológicos desses outros comportamentos de rebeldia normal e saudável.

Um ponto que dificulta bastante a relação com o adolescente é que o jovem questiona o pacote que os adultos pretendem lhe entregar, o pacote com seus valores, suas crenças, suas opiniões...O jovem denuncia as contradições, as falsidades...E o adulto não quer ser questionado. Ele quer continuar a se sentir o

ídolo que era antes, sem críticas.

Então, não apenas o adolescente está em plena transformação. O adulto educador também terá que se transformar, terá que se desprender da relação com uma criança que idealiza gente grande e evoluir para uma relação com um outro adulto. Pra isso é necessário principalmente humildade por parte dos adultos.

Aqueles que não copiam, que não se submetem, que vão em busca de sua própria identidade, têm muito mais chance de se tornarem pessoas criativas e de bem com a vida.

Pense nisso, ouvinte e até amanhã com o quadro Escutar e pensar. Se você tiver alguma dúvida ou sugestão, telefone pra 2252-8413, Central de atendimento da Rádio MEC.



[Programa de Rádio
"Escutar e Pensar"](#)